

INTRODUÇÃO

A sociedade pós-industrial e os avanços das tecnologias de informação e comunicação (TICs) dão espaço para o surgimento de um novo ciclo da sociedade que alça a informação como um bem estratégico e econômico. A informação passa a ser um insumo básico para a competitividade e meio para a criação do conhecimento. Estudiosos da área atribuem a esse novo paradigma a designação de Sociedade da Informação.

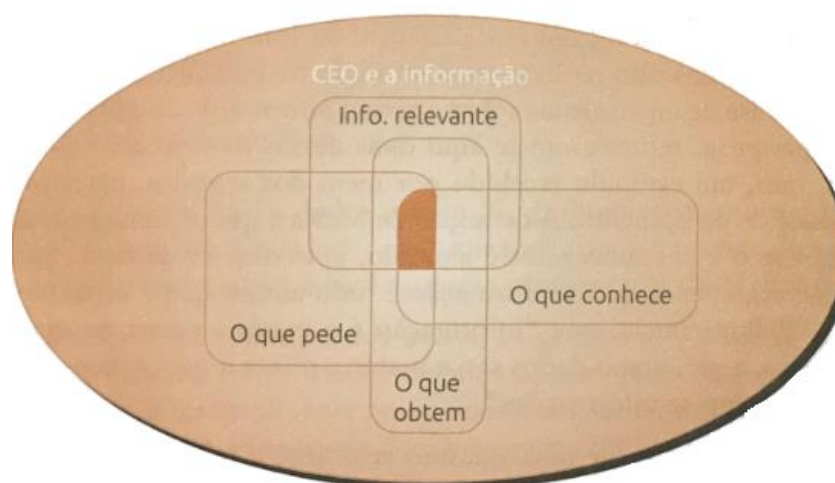
Para seu avanço, a Sociedade da Informação aponta que o acesso e domínio das tecnologias de informação e comunicação se tornam condições primárias e indispensáveis para os indivíduos. No Brasil, no ano de 2000, foi lançado o Livro Verde da Sociedade da Informação, no qual o Governo apresenta um conjunto de ações para impulsionar a Sociedade da Informação no País, levando em consideração todos os seus aspectos: “ampliação do acesso, meios de conectividade, formação de recursos humanos, incentivo à pesquisa e desenvolvimento, comércio eletrônico, desenvolvimento de novas aplicações”.

Diante do valor estratégico da informação, as instituições se veem obrigadas a gerirem seus ativos informacionais de forma mais eficaz, para o fácil acesso e auxílio na tomada de decisão. De acordo com Tarapanoff (2001)

sendo um bem, a informação também pode e deve ser gerenciada, e é a base da administração dos recursos de informação, que consiste na visão integrada de todos os recursos envolvidos no ciclo de informação. Isso inclui a informação propriamente dita (conteúdo), os recursos tecnológicos e também os recursos humanos (TARAPANOFF, 2001, p. 44).

Choo (2006) aponta que a informação é um elemento intrínseco de quase tudo que uma organização faz. Ao considerar o grande volume de informações que é produzido em pouco espaço de tempo é compreensível o desafio de uma organização em gerenciar estrategicamente a informação. Um modelo apresentado em 1967, já evidenciava a dificuldade em se recuperar a informação relevante, sendo disponibilizada ao gestor, apenas uma pequena parcela da informação que seria importante para a tomada de decisão.

Figura 1: Informação e tomada de decisão



Fonte: Adaptado de Aguillar (1967 apud STAREC, 2012, p. 37).

Percebida essa dificuldade tem-se que a gestão estratégica da informação tem por função buscar a identificação das necessidades informacionais, a sua obtenção,

tratamento, disseminação e uso de forma responsável. Despontam-se aqui a área e conceito da Gestão da Informação que objetiva identificar e potencializar os recursos informacionais de uma organização, ensinando-a a aprender e a adaptar-se às mudanças ambientais com a construção de uma organização voltada ao aprendizado (Garvin, 1993).

Dada a sua transversalidade, a informação é componente presente em qualquer instituição. Como o foco desta pesquisa centra-se em um ambiente acadêmico, passa-se a compreender a Gestão da Informação no âmbito das instituições dessa natureza para o gerenciamento de sua produção científica. Hoje, impulsionadas também pelos avanços das tecnologias de informação e comunicação, essas instituições fazem uso de diferentes recursos para a Gestão da Informação. Trata-se aqui, portanto, da necessidade de atenção ao sistema dessas instituições, especificamente no que concerne ao gerenciamento das teses e dissertações. Ainda, ressalta-se que o sistema considerado é tratado como a soma dos diferentes recursos que uma instituição pode dispor: tecnológicos, humanos, políticos, processos e de gestão.

Assim sendo, este trabalho pretende analisar o funcionamento da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), criada e mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), sob a percepção da Gestão da Informação a partir da perspectiva apresentada por Choo (1998). Uma premissa deste estudo é que a BDTD é operacionalizada a partir da realização da Gestão da Informação nas instituições de ensino e pesquisa que dela participam. Quanto mais eficiente e eficaz é a Gestão da Informação nessas instituições, melhores são os resultados apresentados pela BDTD.

O trabalho está estruturado como: inicia-se com uma breve discussão sobre a Gestão da Informação, apresentando-se três modelos amplamente debatidos na literatura científica da área. Dentre esses, aprofunda-se a discussão sobre o modelo proposto por Choo, em 1998, detalhando o ciclo da Gestão da Informação por ele apresentado. Segue a pesquisa com a apresentação do contexto da BDTD, desde a sua origem até a explanação de seu funcionamento. A partir da metodologia adotada, a pesquisa é direcionada para a análise comparativa e reflexiva dos diferentes recursos abordados na Gestão da Informação e os elementos que constituem a BDTD. Espera-se ao final obter uma síntese da análise para que possa evidenciar a importância da Gestão da Informação nas instituições que fazem parte da BDTD para que otimize também o funcionamento do sistema.

Uma breve discussão sobre a Gestão da Informação

Diante do amplo debate que se tem presente sobre o campo da Gestão da Informação não seria possível aqui detalhar o posicionamento de cada estudioso da área. Opta-se, assim, nesta seção por realizar uma breve contextualização sobre o conceito de Gestão da Informação, seus aspectos, elementos e apresentação de modelos propostos pelos autores McGee e Prusak (1994), Davenport (1994), Rowley (1998) e Choo (1998).

Embora tenha-se a percepção de que a Gestão da Informação é uma área relativamente nova, alguns autores remontam o surgimento desse termo à disciplina Documentação. De acordo com Stark, Rados e Silva (2013, p. 61), a Documentação surge de um “movimento surgido no final do século XIX e início do século XX, na Europa, com o objetivo de desenvolver novas técnicas para gerenciar o crescente número de documentos produzidos no período - especialmente publicações científicas e técnicas”.

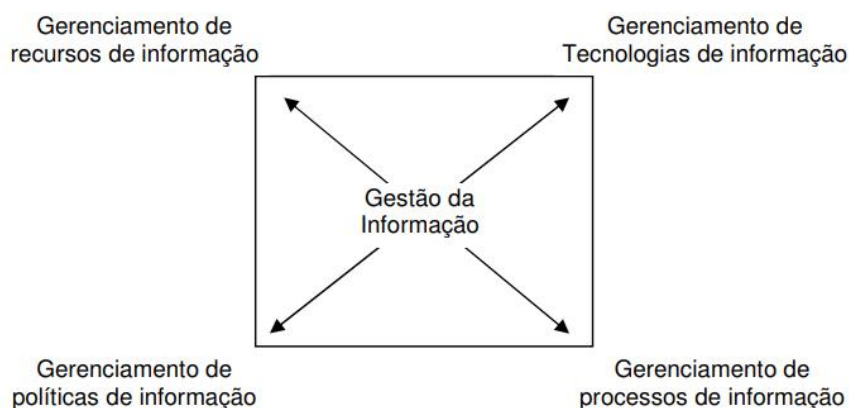
Esses autores, em seu trabalho, apresentam os avanços no campo da Documentação, desde a publicação do *Traité de documentation* (1934) por Paul Otlet; a concepção da Classificação Decimal Universal (CDU) e; a ideia do Memex, por Vannevar

Bush, para automatizar os processos de guarda, indexação e recuperação da informação. No ano de 1950, segundo Buckland (1997) o termo Gestão da Informação aparece como ampliação do escopo da Documentação.

Em suma, a Gestão da Informação objetiva prover maior valor à informação, tomando por atividades a realização de processos relacionados à seleção, à análise, à organização, ao armazenamento e à disseminação, para auxiliar na tomada de decisão em uma instituição. No entanto, para isso, aponta-se que para que uma organização inicie a Gestão da Informação é fundamental que tenha a sua missão/estratégica claramente definida. Moraes e Escrivão Filho (2006) afirmam que a instabilidade causada pela competitividade acirrada tem provocado uma certa incerteza e imprevisibilidade quanto ao futuro. De acordo com Davenport (1998), a organização deve delimitar o seu produto, o mercado a ser atingido e a que negócio se dedicar. Essas visões reforçam, mais uma vez, a importância da Gestão da Informação na instituição. Alinhada a esse panorama, Tarapanoff (2001) diz que os processos de criação, aquisição, armazenamento, análise e o uso da informação fornecem a estrutura para o suporte do crescimento e do desenvolvimento de uma organização inteligente, apta às exigências e às novidades do ambiente em que se encontra inserida. Inferem-se, assim, os benefícios da Gestão da Informação em uma instituição: apoiar a política global da organização para impulsionar de forma mais eficiente a articulação entre os vários subsistemas que a constituem, apoio para os gestores para a tomada de decisões e possibilitar a Gestão do Conhecimento (Alvares, 2018).

Como já dito anteriormente, a atividade de gestão dos ativos informacionais em uma instituição visando à racionalização desses recursos deve, necessariamente, considerar diferentes dimensões operacionais, políticas e estratégicas. Nessa perspectiva, a informação permeia e assume a função de agregadora das diferentes áreas que lidam com a informação (Alvares, 2018). Em 1998, Chun Wei Choo já defendia que a informação não deveria ser tratada apenas como um insumo resultante de uma produção, mas como um ativo estratégico para a integração de outros elementos. De acordo com Choo (2003), uma organização usa a informação para três propósitos fundamentais: facilitar a interpretação (sensemaking) de fatores e processos do ambiente organizacional externo; fundamentar o processo decisório e; promover a aprendizagem organizacional. Assim sendo, para o autor, a Gestão da Informação seria a soma da: (i) Gestão de Recursos; (ii) Gestão dos Processos; (iii) Gestão de Políticas e Padrões e; (iv) Gestão de Tecnologia.

Figura 2: Gestão da Informação: resultado da soma da Gestão de Recursos; Gestão dos Processos; Gestão de Políticas e Padrões e; Gestão de Tecnologia



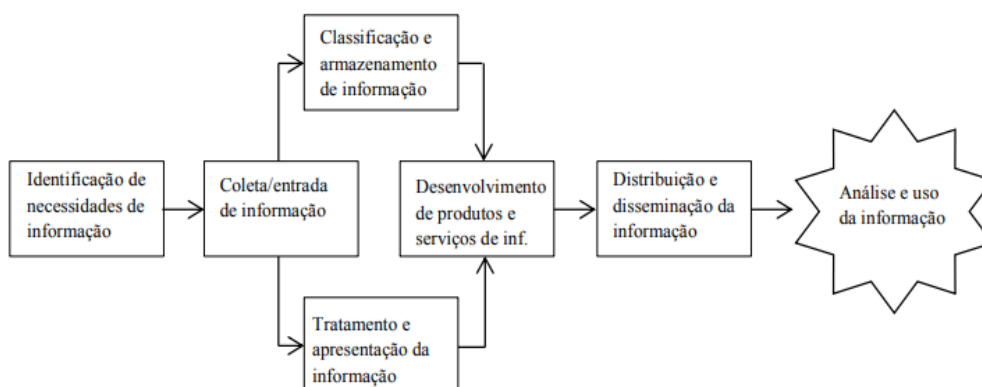
Fonte: Choo, 1998.

Diante das diferentes dimensões, Marchiori (2002) entende que três áreas do conhecimento são enfoques para o estudo da Gestão da Informação: a Administração, Tecnologia da Informação e da Ciência da Informação. Segundo a autora, a primeira área do conhecimento trata a Gestão da Informação sob o entendimento de que deve incrementar a competitividade e os processos organizacionais. No campo das Tecnologias, para a autora, a Gestão da Informação ainda é entendida como um “recurso a ser otimizado via diferentes arquiteturas de hardware, software e de redes de informação – em especial aos empresariais (Marchiori, 2002, p. 74)”. A Ciência da Informação, como o terceiro enfoque, tem como gênese o estudo da informação em si e seus fluxos que envolvem a criação, identificação, coleta, validação, representação, recuperação e uso. Embora tenha a separação nesses três enfoques, considera-se que, quaisquer que sejam os ambientes que a Gestão da Informação é tratada, a preocupação deve voltar-se para a realização de ações que viabilizem à obtenção correta da informação, adequada, para o usuário certo, a um custo justo, no tempo e lugar oportunos para a favorecer a tomada de decisão correta (Ponjuán Dante, 1998).

Ao longo dos anos, estudiosos da área apresentaram diversos modelos que buscam orientar o entendimento dos processos da Gestão da Informação. Entre esses modelos, destacam-se aqui para efeitos de comparação, os defendidos por McGee e Prusak (1994), Davenport (1994), Rowley (1998) e Choo (1998). Os quatros modelos, embora observe-se a convergência para alguns aspectos, diferenciam-se em outras características que serão explicitados a seguir.

No modelo sugerido por McGee e Prusak (1994), os autores consideram sete etapas, sendo a fase de tratamento no ciclo da informação aquela que concentra a maior parte delas (Starck, Rados e Silva, 2013). Segundo McGee e Prusak, o modelo da Gestão da Informação deve ser genérico em razão de que a importância da informação é distinta para cada organização e de que as etapas do modelo processual têm pesos diferentes também para cada instituição. Interessante destacar que na perspectiva dos autores, há basicamente quatro profissionais envolvidos com as atividades de Gestão da Informação: bibliotecários/documentalistas, profissionais de tecnologia da informação, funcionários administrativos e os assistentes executivos. Complementam que a desarticulação desses agentes pode provocar dificuldades para a eficiência do fluxo da informação nas instituições.

Figura 3: Modelo de Gestão da Informação por McGee e Prusak (1994)



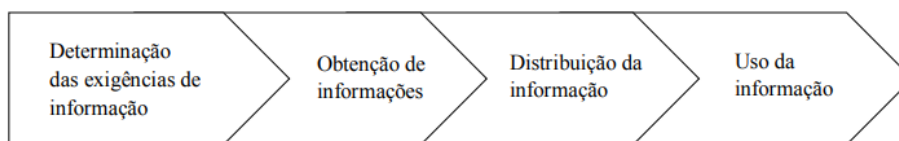
Fonte: McGee e Prusak, 1994, p. 108.

Segundo a perspectiva de Davenport (1994), o investimento em tecnologias não é o suficiente para garantir o sucesso na era da informação. Para a Gestão da Informação é necessário ter uma visão integrada da informação. Além desse aspecto, o autor é responsável por cunhar o termo Ecologia da Informação do qual centra-se a sua concepção de modelo voltado para as necessidades reais do usuário. Explica-se:

Considero a ecologia, a ciência de compreender e administrar todos os ambientes, apenas uma metáfora. Ainda assim, metáforas podem ser muito poderosas; é comum induzirem comportamentos e ajudarem a formar uma nova visão organizacional. Em vez de modelar um ambiente informacional em máquinas e edifícios, proponho uma abordagem mais harmoniosa com as coisas vivas. Quando começamos a pensar nas muitas relações entrecruzadas de pessoas, processos, estruturas de apoio e outros elementos do ambiente informacional de uma empresa, obtemos um padrão melhor para administrar a complexidade e a variedade do uso atual da informação. Também poderíamos descrever a ecologia da informação como administração holística da informação ou administração informacional centrada no ser humano. O ponto essencial é que essa abordagem devolve o homem ao centro do mundo da informação, banindo a tecnologia para seu devido lugar, na periferia. (Davenport, 2002, p. 21).

Desta forma, o processo de Gestão da Informação pensado por Davenport (1994) possui quatro etapas: determinação das exigências da informação, obtenção de informações, distribuição da informação e uso da informação.

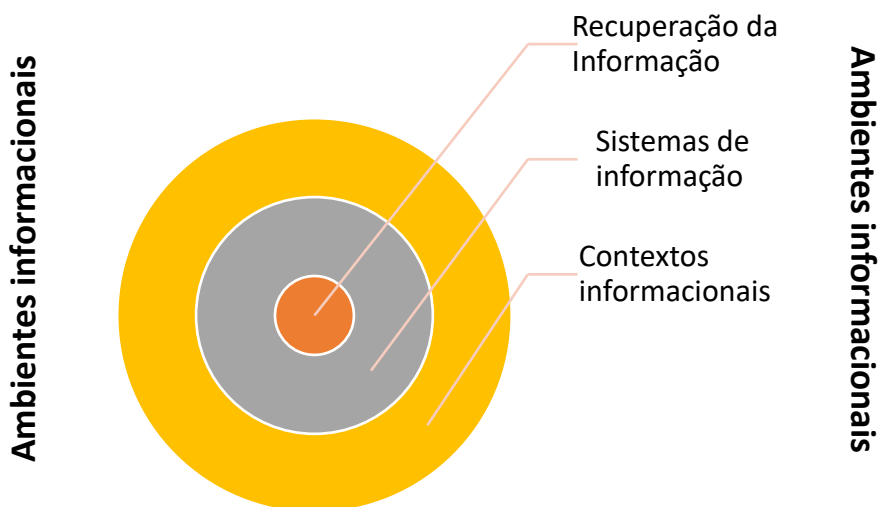
Figura 4: Modelo de Gestão da Informação por Davenport (1994)



Fonte: Adaptado de Davenport, 1994.

O pensamento de Rowley (1998) sobre a Gestão da Informação está voltado para a compreensão de que se trata de um processo gerencial para controlar a explosão informacional e a dificuldade nesse universo para a tomada de decisão. Para isso, é apontada a necessidade de melhoria do fluxo de informação, controle de informação, análise de informação e síntese da informação para os tomadores de decisão (Alvares, 2018). Nesse sentido, o modelo proposto por Rowley (1998) baseia-se em quatro diferentes níveis: (i) recuperação da informação; (ii) sistemas de informação; (iii) contextos informacionais e; (iv) ambientes informacionais.

Figura 5: Modelo de Gestão da Informação por Rowley (1998)



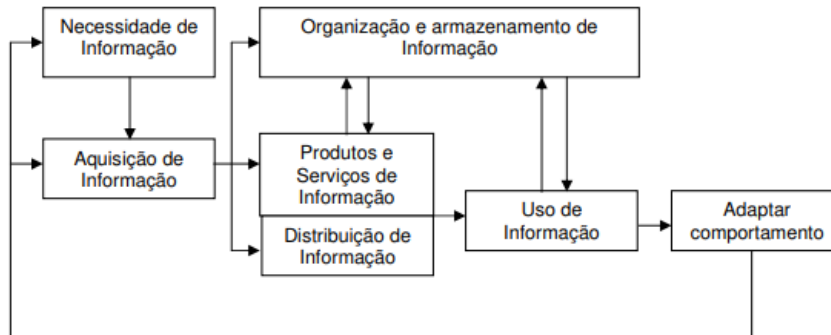
Fonte: Adaptado de Alvares, 2018.

O quarto modelo a ser apresentado é o de Choo (1998). Em sua proposta, Choo considera que a Gestão da Informação é compreendida pelas seguintes etapas: (i) Identificação das necessidades de informação; (ii) Aquisição da informação; (iii) Organização e armazenamento da informação; (iv) Distribuição da informação e; (v) Uso da informação. Na seção seguinte esses processos são detalhados para o maior entendimento, levando em considerado o objetivo deste trabalho.

O modelo de Gestão da Informação segundo Choo (1998)

O ponto de partida do ciclo de gestão da informação defendido por Choo (1998) é o comportamento adaptativo, através do qual surgem as demandas de informação e viabilização de todo o processo de gerenciamento da informação. O modelo de Choo descreve o ciclo em seis processos críticos relacionados à: (i) necessidade de informação; (ii) aquisição de informação; (iii) organização e armazenamento de informação; (iv) desenvolvimento de produtos e serviços de informação; (v) distribuição de informação; (vi) uso de informação. Observa-se que o modelo proposto por Choo recorda a representações de Davenport e de McGee e Prusak.

Figura 6: Modelo de Gestão da Informação por Choo (1998)



Fonte: Choo, 1998.

Com o propósito de aprofundar a análise do modelo, cada processo é aqui detalhado:

- Necessidade de informação: esse processo surge da identificação do problema ou necessidade de resposta apresentada pelo usuário. São as perguntas de “O que deseja?”, “O que precisa?”, “Qual o seu problema de pesquisa?”, “Como você precisa receber isso?” que permeiam este processo para a identificação da necessidade de informação do usuário.
- Aquisição de informação: considerado como um processo complexo devido à vasta disponibilização de fontes de informação e de métodos para a realização dessa coleta de informações.
- Organização e armazenamento da informação: também apontado como um ponto crítico do ciclo, pela sistematização exigida para o acondicionamento desses conteúdos com vistas a melhor recuperação da informação e compartilhamento. O ponto focal deste processo é a flexibilidade para atender às múltiplas visões e valores informacionais.
- Desenvolvimento de produtos e serviços: corresponde à entrega da informação específica para cada interessado de acordo com a sua necessidade. A entrega direcionada é vista como um valor agregado à informação, pois é entregue de forma trabalhada em possíveis diferentes formas segundo a necessidade do usuário.
- Distribuição de informação: compreende o compartilhamento e disseminação da informação. A distribuição pode contribuir pode resultar em diversas ações positivas, tais como possibilitar a ligação com as atividades relacionadas à Gestão do Conhecimento, comunidades de prática e a geração de novas informações.
- Uso da informação: processo para o qual todo o modelo sistematizado por Choo está voltado. O uso da informação é um processo dinâmico que, mediante as forças e diversos aspectos inerentes ao usuário, é realizada a construção do conhecimento e a tomada de decisão.

Cabe mencionar um último ponto presente no modelo de Choo que trata da retroalimentação do processo. O destaque à retroalimentação aponta para o aprendizado organizacional (adaptar comportamento) propiciando a maximização do ambiente informacional para o melhor proveito do fluxo.

A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD): concepção e funcionamento

As teses e dissertações são resultados primários da pesquisa científica. Orera Orera (2003) reconheceu a importância desses documentos como insumos às novas atividades de pesquisa uma vez que, partindo de informações anteriores, abrem novas linhas de trabalho para estudos futuros. De acordo com Población e Noronha (2002), os programas de pós-graduação se tornaram o maior “polo gerador da produção científica brasileira”. Segundo dados fornecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o País tinha no ano de 2013, 1.267 programas de pós-graduação de mestrado e doutorado, distribuídos por todas as regiões brasileiras.

O avanço das tecnologias de informação e comunicação possibilitou que as teses e dissertações possuam versão eletrônica e que passassem também a serem gerenciadas em sistemas de informação, ampliando a sua disseminação e tornando mais visíveis e acessíveis à comunidade científica. No Brasil, a Portaria nº 13/2006 da Capes obriga a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado, reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC). Cabe lembrar que as teses e dissertações eletrônicas seguem as mesmas normas e passam pelos mesmos processos que os documentos dessa tipologia documental em sua versão impressa. O que as diferenciam é o fato de estarem disponibilizadas em formato eletrônico, contudo as possibilidades que lhe são agregadas por meio do uso digital são inúmeras, como o uso dos links, hiperlinks e maximização do seu acesso e visualização.

Diante dos benefícios da disponibilização das teses e dissertações em formato digital, cabe contextualizar as iniciativas em todo o mundo para a criação de bibliotecas digitais que reúnem, organizam e disseminam as teses e dissertações eletrônicas. Essas ações ganharam força a partir da concretização do projeto da Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD), em 1997.

Seguindo o movimento mundial em prol da criação de bibliotecas digitais e redes nacionais para o gerenciamento das teses e dissertações eletrônicas, no Brasil, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) deu início, no final dos anos de 1990, o projeto de criação da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Seguindo os preceitos da filosofia de Arquivos Abertos, a BDTD funciona por meio de coletas automáticas (harvesting) das teses e dissertações eletrônicas armazenadas nos diferentes sistemas de informação implantados nas instituições participantes. Essa coleta é viabilizada mediante ao uso do Open Archives Initiative Protocol Metadata Harvesting ou Protocolo OAI-PMH. Além disso, é também imprescindível a determinação e uso de um padrão de metadados para a descrição das teses e dissertações que seja alinhado minimamente com os padrões de metadados adotados em outros sistemas para que haja a interoperabilidade. Assim, são coletados, para o servidor da Rede, os metadados devidamente preenchidos pelas instituições, sendo referenciado o texto completo da ETD por meio de um link. Assim, seguindo essas diretrizes, em 2002, surgiu a BDTD que reúne as teses e dissertações eletrônicas defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa e as disponibiliza para a sociedade de modo gratuito e acesso aos seus textos completos passíveis de downloads.

Os metadados são largamente conceituados na literatura científica como “dados sobre dados”. No contexto da Ciência da Informação, tem por função descrever o documento a ser inserido em um sistema de informação, promovendo assim a sua recuperação. A BDTD adota um padrão brasileiro para a descrição das teses e dissertações que está integralmente alinhado aos padrões de metadados internacionais para a descrição das publicações

científicas (que logicamente as teses e dissertações se inserem), como também o padrão brasileiro está alinhado ao padrão internacional Interoperability Metadata Standard for Theses and Dissertations (ETD-MS). Ressalta-se que nesse modelo de funcionamento de sistemas de informação de acesso aberto, os metadados são preenchidos pelas instituições que fazem parte da Rede, no caso da BDTD, são de responsabilidade de preenchimento das instituições de ensino e pesquisa.

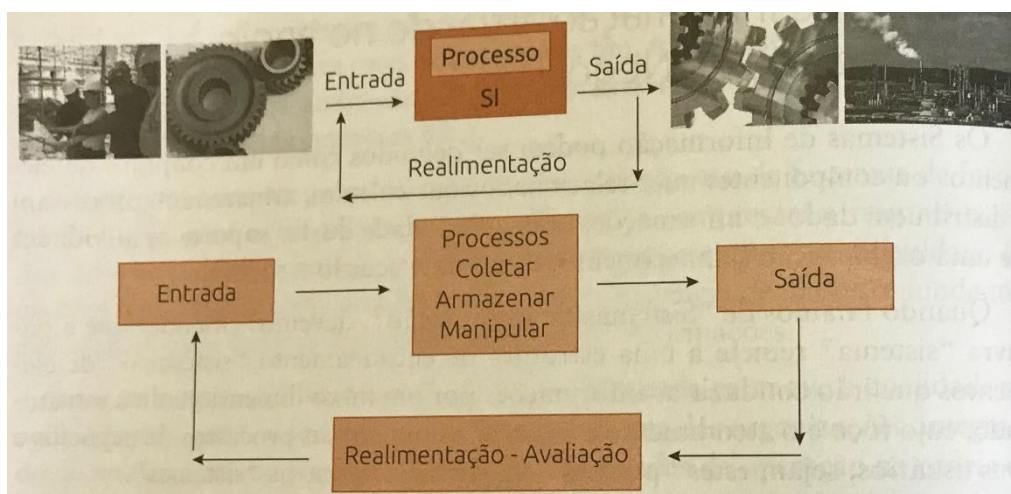
O cenário dos Arquivos Abertos, o compartilhamento dos resultados de pesquisa por meio da internet impulsionou também mudanças no fluxo da comunicação científica tradicional. A crise dos periódicos científicos, impulsionada pelos preços exorbitantes para a assinatura dessas publicações, promoveu o surgimento do Movimento de Acesso Aberto à Informação Científica. De acordo com a Budapest Open Access Initiative (BOAI), o Acesso Aberto significa a disponibilização livre e irrestrita, por meio da internet, permitindo a qualquer pessoa ler, baixar, copiar, distribuir e imprimir, salvaguardando os direitos de autor. Como uma das duas estratégias preconizada pelo Movimento, surgem os repositórios institucionais que têm por função principal o armazenamento de toda produção científica de uma instituição em acesso aberto. Nesse sentido, as teses e dissertações também passaram a integrar esses sistemas de informação. Assim, as instituições de ensino e pesquisa passaram a ter como opção mais de um tipo de sistema de informação para o gerenciamento e disseminação de suas teses e dissertações. De todo o modo, as questões relacionadas com a interoperabilidade devem ser observadas nesse cenário de coexistência de sistemas de bibliotecas digitais de teses e dissertações e repositórios institucionais.

Diante do vasto cenário científico em que a BDTD é integrante, a gestão do fluxo informacional se apresenta imprescindível para o melhor funcionamento do sistema, maximização do acesso e otimização da recuperação da informação. De acordo com Leite e Costa (2016, p. 43), “mais do que nunca, é necessário que as instituições sistematizem processos que otimizem o ciclo da informação que alimenta e que resulta das atividades de pesquisa”. Os autores enfatizam a importância e a complexidade do processo da gestão da informação científica ao argumentarem que

está presente ao longo de toda a cadeia de produção do conhecimento, ou seja, desde o momento em que pesquisadores formulam o problema de pesquisa até o momento do uso do novo conhecimento produzido por parte de outros pesquisadores. Assim, quanto mais apropriados ao contexto forem os processos de gestão da informação científica, mais coerentes e fluidos serão os processos de comunicação científica (Leite e Costa, 2016, p. 44).

A constante evolução das tecnologias de informação e comunicação ao tempo em que tem provocado profundas alterações na comunicação científica, também exigem avanço dos sistemas de informação. Plachta (2012, p. 94) aponta que “os sistemas de informação que antes eram evidenciados somente por meio de um modelo ou metodologia aplicada a um fluxo de informações, torna-se hoje uma solução apresentada e apoiada pela tecnologia, associado a um ambiente totalmente globalizado (...)”. Os sistemas de informação são assim definidos pelo autor como um conjunto de componentes inter-relacionados que “coletam, armazenam, processam e distribuem dados e informações com a finalidade de dar suporte às atividades de uma organização (planejamento, direção, execução e controle)”.

Figura 7: Funcionalidades dos Sistemas de Informação



Fonte: Plachta, 2012, p. 104.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho está fundamentada no entendimento de Creswell (2003) para delineamento e apresentação dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Nesse sentido, a trilha metodológica aqui adotada está pautada em três etapas: (i) definição da estratégia de pesquisa; (ii) definição do método de pesquisa e; (iii) técnica da pesquisa.

Em sua primeira etapa, para a realização deste trabalho, optou-se pela adoção da estratégia de pesquisa de procedimentos concomitantes definidos por Creswell (2007, p. 33) quando “o pesquisador faz convergência de dados quantitativos e qualitativos a fim de obter uma análise ampla do problema de pesquisa”. Nesse procedimento, é realizada a coleta dos dados nas duas diferentes abordagens e posteriormente integração para a análise dos resultados obtidos. O método de pesquisa utilizado para a coleta e análise dos dados tende a ser mista que é compreendida pelas múltiplas formas de dados e possibilidades, sendo viabilizada também a análise textual e estatística. Por fim, como técnica de pesquisa foi escolhida a de métodos mistos que, segundo o autor, “essa técnica emprega estratégias de investigação que envolvem coleta de dados simultânea ou sequencial para melhor entender os problemas de pesquisa” (Creswell, 2007, p. 35).

A partir da definição dos procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa, os componentes do sistema que abrange a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foram mapeados. Com esse desmembramento dos componentes que compõem a BDTD segue-se para identificar a correlação e intersecção dos processos evidenciados no modelo de Choo (1998) e os elementos que viabilizam o funcionamento da BDTD e esta em si.

RESULTADOS INICIAIS

Ao analisar o lócus da pesquisa, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) integra, hoje, 126 instituições brasileiras de ensino e pesquisa, públicas ou privadas, que gerenciam os resultados de seus programas de pós-graduação

stricto sensu – teses e dissertações – em diferentes sistemas de informação, disseminando mais 702.750 documentos.

Como dito anteriormente, as instituições brasileiras de ensino e pesquisa fazem uso de sistemas para o gerenciamento de suas teses e/ou dissertações (aquisição, organização, preservação, recuperação e disseminação). Geralmente, esses sistemas são de três tipos: bibliotecas digitais de teses e dissertações, repositórios institucionais e sistemas próprios. Ao analisar a distribuição do uso desses sistemas entre as instituições, observa-se um equilíbrio entre a adoção de bibliotecas digitais voltadas para o armazenamento das teses e dissertações, repositórios institucionais e demais sistemas. Um ponto em comum entre os sistemas é a necessidade das instituições preparem esses ambientes a partir da construção de um plano de arquitetura de informação e política de informação que abrangem os processos técnicos de gerenciamento de teses e/ou dissertações.

A análise do modelo de Gestão da Informação apresentado por Choo (1998) e a sua relação com os componentes que abrangem a BDTD deve ser uma atividade a ser mais bem fundamentada, mas que em um primeiro passo já demonstra correspondência. Na BDTD, a etapa da necessidade de informação apontada no modelo de Choo (1998) pode ter início em duas ações concomitantes ou não: o usuário pode buscar as respostas às suas demandas de informação consultando diretamente ao sistema da BDTD ou ao sistema de informação da instituição brasileira de ensino e pesquisa participante. Observa-se que essa questão abre espaço para novos estudos, como por exemplo, quanto a realização de uma análise do assunto de pesquisa a ser desenvolvido em uma tese ou dissertação. A BDTD, quanto uma fonte de informação, pode contribuir para o desenvolvimento dessa discussão ao evidenciar ou não assuntos relacionados à pesquisa desejada.

O segundo componente apontado por Choo (1998) aborda o processo de aquisição da informação. Como apresentado, para o seu funcionamento, a BDTD coleta as teses e dissertações presentes nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa por meio do uso de protocolo de interoperabilidade. Importante observar que nessa ação não há uma seleção de documento ou, ainda, avaliação do teor do conteúdo presente nesses documentos.

O terceiro aspecto relacionado aos processos de organização e armazenamento da informação se relacionam diretamente ao segundo componente, de aquisição. Isso porque para garantir a organização é imprescindível que as instituições, também em seus sistemas de informação, façam o uso adequado do padrão de metadados para a descrição desses documentos, com vistas à recuperação da informação e disseminação do conteúdo.

O quarto e quinto processos que consistem no desenvolvimento de produtos e serviços e também na distribuição da informação podem ser discutidas em conjunto por buscarem técnicas que facilitem o acesso e uso desses documentos pelos usuários. Graças à riqueza da descrição dos documentos na BDTD é possível pensar em serviços de disseminação seletiva que atendam às demandas informacionais de qualquer usuário.

Por ser um estudo em desenvolvimento, os processos devem ser melhor detalhados para que seja possível propor um novo modelo de Gestão da Informação correlacionando os elementos da BDTD e aqueles apresentados na literatura científica sobre o assunto.

CONCLUSÕES

Embora ainda em etapa de desenvolvimento, os resultados iniciais alcançados nesta comunicação demonstram a aplicabilidade da Gestão da Informação no contexto do sistema que abrange a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Apresenta contribuições para as discussões relacionadas ao gerenciamento de teses e

dissertações nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. Ainda que considere o contexto brasileiro, a metodologia adotada neste estudo pode ser reaplicada para o melhor conhecimento da gestão dessa tipologia científica.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Lillian. **Gestão da Informação**. Universidade de Brasília-Faculdade de Ciência da Informação. 2018. (Apresentação de slide da disciplina Gestão da Informação, Gestão do Conhecimento e Inteligência Competitiva: Tópicos Especiais em Organização da Informação).

BUCKLAND, Michael K. Electronic document retrieval and Vannevar Bush's Memex. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 43, n. 4, 1992. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/goldebush.html>>.

_____. What is a "document"? **Journal of American Society of Information Science**, n. 9, 1997. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>>.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**. São Paulo: SENAC, 2003.

CHOO, C. W. **Information management for the intelligent organization: the art of the scanning the environment**. 2. ed. Medford, NJ: Information Today, 1998. 274 p.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.

DAVENPORT, Thomas H. **Reengenharia de processos: como inovar na empresa através da tecnologia da informação**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely Maria de Souza. Modelo genérico de gestão da informação científica para instituições de pesquisa na perspectiva da comunicação científica e do acesso aberto. **Investigación**, v. 30, n. 69, 2016. Disponível em: <https://ac.els-cdn.com/S0187358X16300600/1-s2.0-S0187358X16300600-main.pdf?_tid=f6e4befa-5f44-44f1-8920-064ab509e8dc&acdnat=1529037024_e494c0d9cec39ab6bc6a0058422c8389>.

MARCHIORI, Patricia Zeni. A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, p. 72-79, maio/ago. 2002.

PLACHTA, Claudio. A tecnologia no suporte à Gestão da Informação e aos processos de negócios inteligentes. In: STAREC, Claudio (Org.). **Gestão da informação, inovação e inteligência competitiva: como transformar a informação em vantagem competitiva nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2012. p. 91-117.

PONJUÁN DANTE, Glória. **Gestión de información en las organizaciones: principios, conceptos y aplicaciones**. Santiago: CECAPI, 1998. 222 p.

STAREC, Claudio. A mandala da informação no universo corporativo. In: STAREC, Claudio (Org.). **Gestão da informação, inovação e inteligência competitiva: como transformar a informação em vantagem competitiva nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2012. p. 35-56.

TARAPANOFF, Kira. Referencial teórico: introdução. In: _____. **Inteligência organizacional e competitiva**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001. p. 33-49.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil: livro verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 195 p.